Liberté • Égalité • Fraternité
RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

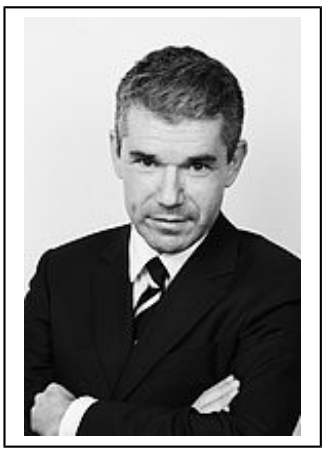
MINISTÈRE DES AFFAIRES ÉTRANGÈRES
ET DU DEVELOPPEMENT INTERNATIONAL

Actualité en France

N° 8 – Septembre 2015

Jean Ballandras, responsável pelo grupo "Energias renováveis"

Desde dezembro de 2012, o governo francês instituiu uma estratégia setorial para a exportação. Foram constituídos seis grupos (cidade sustentável, saúde, agro-alimentar, comunicação, indústrias culturais e criativas e turismo para exportação). Trata-se de uma federação das PME de cada setor com o fim de estruturar a oferta francesa global e a imagem da marca para exportação. As energias renováveis são o sétimo grupo; Jean Ballandras foi nomeado para este cargo, no dia 21 de Maio de 2015, por Laurent Fabius, Ministro das Relações Exteriores e do Desenvolvimento Internacional e Presidente da COP21 e por Matthias Fekl, Secretário de Estado para o Comércio Exterior, da Promoção do Turismo e dos Franceses no Exterior.



O fato de ter exercido funções durante vários anos junto aos prefeitos na cidade e no Ultramar, despertou o o interesse de Jean Ballandras pelos assuntos dos territórios e pelas suas especificidades históricas, sociais e culturais. Esse ex-aluno da *ENA* e da *Sciences Po* afirma que proximidade, realismo e pragmatismo são indispensáveis para a condução dos assuntos locais, em estreita ligação com os atores socioeconômicos. Passar da gestão territorial para a administração no setor das energias renováveis não é uma reconversão: inscreve-se na mesma lógica de busca de soluções que sejam adequadas e sustentáveis. Segundo ele, "desenvolver as energias renováveis é instalar-se a longo prazo, em concordância e em harmonia com as populações que acompanham o projeto e que dele se apropriam.

Qual o papel da federação "Energias renováveis" no comércio externo, especialmente na perspectiva da COP21 que será em Dezembro, em Paris?

O segmento "Energias renováveis" é um setor modesto em pleno desenvolvimento, sob a tutela de uma indústria – a energia - largamente

dominada por grandes grupos como a EDF, Engie, Areva ou a Alstom. Os seus atores são muito diferentes e tanto os seus modelos de desenvolvimento como as suas necessidades, variam. A minha missão consiste em reforçar e determinar o diálogo entre empresas, e mais particularmente entre o sindicato das energias renováveis e a administração, a fim de ajustar os dispositivos a aplicar a estas empresas assegurando assim o crescimento da sua atividade em nível internacional.

Tornar o setor das energias renováveis prioritário para a exportação faz sentido à medida que que se aproxima a COP21. A França deverá mostrar nessa conferência o seu empenho na luta contra o aquecimento climático e também, o seu apoio exemplar a este setor de ponta.

De que modo as inovações na área da energia podem favorecer as inovações em outros setores?

A inovação é acima de tudo tecnológica e é cada vez mais diversificada. Há alguns anos, a energia eólica e a energia fotovoltaica eram os filões do setor. Atualmente, outras soluções estão surgindo, tais como as do armazenamento da energia ou das energias marinhas renováveis. Essas técnicas “descarbonadas” são cada vez mais competitivas e eficazes: territórios insulares ou isolados podem assim ter acesso a uma energia de base estável, verde e não intermitente. A conjugação destas tecnologias oferece ao setor privado novas perspectivas de desenvolvimento.

Mas a inovação permite também a criação de projetos mais globais de energias renováveis integradas ao seu ambiente. O caso da Agrinergie®, desenvolvida na ilha de Reunião é, particularmente, representativa. Aliando produção de energia verde e cultura em estufas. Assim, uma fazenda solar vai beneficiar a produção local e promover as produções de produtos biológicos que crescem sob os painéis fotovoltaicos.

O que esperam as empresas deste setor da COP21 ? Como abordá-las?

Em uma escala mundial, as empresas esperam que os países mais emissores esclareçam as suas posições no que diz respeito às energias renováveis assumindo compromissos em nível internacional. Na França, as empresas esperam que a COP21 proporcione uma tomada de consciência em relação aos desafios climáticos e que se traduza num guia prático e que determine as expectativas e os desafios no que diz respeito a todo o setor energético. O foco na conferência de Paris, em dezembro próximo tornará tudo isso possível. A transição energética é possível se a ação pública e a iniciativa privada se aliarem. A COP permitirá igualmente identificar perspectivas de desenvolvimento nos mercados emergentes e avaliar o envolvimento dos Estados a favor das energias renováveis.

PARIS2015
UN CLIMATE CHANGE CONFERENCE
COP21·CMP11

Em que o desenvolvimento das soluções "descarbonadas" e das energias renováveis é o vetor de oportunidades?

Na França a eletricidade verde representou 20% do consumo final em 2014. O objetivo é atingir 32% de renováveis no mix energético francês até 2030, do qual cerca de 40% se destina a eletricidade produzida. O potencial de desenvolvimento das energias renováveis é portanto muito importante. Certas tecnologias que atualmente atingiram a maturidade, como a eólica, a solar ou a hidráulica são competitivas assim como as energias fósseis e nucleares em certos territórios. A energia renovável é para a França um vetor de crescimento, de criação de empregos, inclusive internacionalmente, e de expectativa para atingir os seus objetivos em matéria de luta contra as alterações climáticas. Nos territórios do Ultramar, confrontados com a instabilidade das suas redes, o renovável proporciona novas soluções como o armazenamento ou a abordagem multi-tecnológica que reforçam a segurança energética.

Quais os desafios ou vantagens que o território do Ultramar representa para o desenvolvimento das energias renováveis francesas?

O custo da produção de eletricidade no Ultramar é em média três a quatro vezes superior ao da França metropolitana onde o mix energético se eleva a 60 euros por megawatt/hora. Nos territórios ultramarinos, as tecnologias renováveis são competitivas desde o seu ciclo de desenvolvimento, fato que os torna verdadeiros laboratórios de experimentação e de inovação. Na ilha de Reunião, os projetos se multiplicam, desde a energia solar com armazenamento até a Agrinergie®; na Martinique desenvolvem-se projetos de energia térmica dos mares. Além disso, nos territórios insulares, a terra é mais escassa, obrigando as empresas a serem criativas encontrar soluções adequadas. A Agrinergie®, junção de fotovoltaico com a agricultura, nasceu neste pacote des restrições e continua a se desenvolver. O Ultramar francês permite a concepçção de verdadeiros projetos de territórios, co-desenvolvidos com as populações que, de fato, os aceitam. Esses projetos possibilitam, mais facilmente do que em outros territórios, testar em tamanho real, em escala reduzida, soluções inovadoras para as energias renováveis.

As energias marinhas são menos conhecidas que a energia solar ou a eólica mas o seu potencial parece maior. Como se posiciona a França neste setor e neste mercado ainda recente?

A França é o segundo espaço marítimo mundial, com 11 milhões de km². As suas quatro faixas marítimas, os seus territórios ultramarinos e também a sua zona econômica exclusiva intertropical são grandes trunfos. Segundo o GICAN, Agrupamento das Indústrias de Construção e Atividades Navais, as energias marinhas renováveis poderiam representar 10% do mix elétrico francês até 2030, com uma potência instalada de 20 GW. Várias tecnologias são desenvolvidas e testadas na França: eólica no mar, instalada ou flutuante, hidráulica, energia das ondas ou energia térmica dos mares (ETM). No entanto, todas estas inovações ainda não permitiram colocar em funcionamento

parques de dimensão industrial. O desafio que se coloca para os próximos anos é o de conjugar demonstração operacional e criação de vitrines destas tecnologias para que possam ter sucesso na exportação.

Laureline Felder

NB : Os propósitos e opiniões exprimidos neste artigo, que visa informar sobre as realidades da França contemporânea não têm carácter oficial